

IGREJA VIVA

QUINTA-FEIRA • 30 DE OUTUBRO DE 2014

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30480 de 30 de Outubro de 2014, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

DAR Partilhar é aqui
E RECEBER
.PT

 **Cáritas**
Braga

DAR

RECEBER

ENTREVISTA

EVA
FERREIRA ↑

DIRECTORA TÉCNICA DA CÁRITAS ARQUIDIOCESANA DE BRAGA

LÍGIA
CUNHA

COORDENADORA DO PROJECTO "DAR E RECEBER" →

POBRES DE TODO O MUNDO, UNI-VOS!



PAULO TERROSO

PADRE | @PAULO_TERROSO

O título é sensacionalista? Não. É realista. Bem sei que estou a glosar o famoso slogan político — “Proletários de todo o mundo, uni-vos!” — do Manifesto Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels. No entanto, “Pobres de todo o mundo, uni-vos!” bem poderia ser a exortação-síntese do discurso do Papa Francisco na audiência aos participantes do Encontro Mundial dos Movimentos Populares. Encontro promovido pelo Pontifício Conselho “Justiça e Paz”, com a colaboração da Pontifícia Academia das Ciências Sociais e dos Dirigentes de vários Movimentos. O encontro no Vaticano teve início no dia 27 de Outubro e terminou ontem, quarta-feira. Perante mais de duzentos participantes, o Papa Francisco proferiu, em espanhol, um dos discursos mais longos, mais assertivos e acutilantes contra “a globalização da indiferença”, depois da *Evangelii Gaudium* (EG). A

agência norte-americana *Associated Press* refere-se ao discurso como uma “mini-encíclica sobre o direitos dos pobres, as injustiças, o desemprego e da necessidade da protecção ambiental”.



WWW.VATICAN.VA

Num discurso de oito páginas, Francisco precisou apenas de três palavras, os três “t” do título do encontro, para manifestar um desejo “muito concreto, algo que qualquer pai, qualquer mãe quer para os seus filhos: terra, tecto e trabalho”. Terra, tecto e trabalho são, afirmou o papa, “direitos sagrados”. Citando implicitamente o bispo brasileiro D. Hélder Câmara, afirmou: “É estranho, mas se falo disto, alguns acham que o Papa é comunista”. Mas

não é, bem sabemos.

Como acertadamente escreveu José Manuel Fernandes, ex-director do jornal *Público*, aquando da publicação da EG (*Público*, 17.01.2014, p. 48), o

Papa não é de esquerda nem de direita, é “apenas católico”. Acontece é que a Doutrina Social da Igreja é por muitos desconhecida. Por isso mesmo, para que não se pense que as suas palavras são demasiado de esquerda, Francisco, perante o “escândalo” e “crime” da fome, não hesitou em citar o Compêndio da Doutrina Social da Igreja (CDSI) para afirmar que “a reforma agrária, além de uma necessidade política, é uma obrigação moral” (CDSI, 300).

Segundo Francisco, os Movimentos Populares são sinal de “uma realidade muitas vezes silenciada. Os pobres não padecem só a injustiça mas também lutam contra ela!” A solução não passa por esperar de “braços cruzados a ajuda de ONGs, planos assistenciais ou soluções que nunca chegam ou, se chegam, chegam de tal maneira que vão na direcção ou de anestesiar ou de domesticar”. Para o Papa, os pobres “já não esperam e querem ser protagonistas” e a palavra solidariedade também significa “lutar contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, a terra e habitação, a negação dos direitos sociais de trabalho”. Tudo frases que se podem ler no discurso.

No próximo dia 25 de Novembro, o Papa Francisco visita o Parlamento Europeu e o Conselho da Europa, onde irá discursar. Os dados estatísticos citados neste discurso aos Movimentos Populares, sobretudo no que diz respeito ao desemprego juvenil, deixam antever que Francisco quer colocar o trabalho em primeiro plano. O Arcebispo Mario Toso, secretário do Pontifício Conselho “Justiça e Paz”, já disse que o Papa pedirá mais equidade social. Falta é saber o tom e o modo como pedirá. A julgar pelo presente discurso tudo leva a crer que Francisco não pedirá por favor o que é devido por justiça.



PORTUGUESES ELEITOS PARA O MOVIMENTO VIDA ASCENDENTE

Marta Melo Antunes e o cônego António Rego foram eleitos para os órgãos internacionais do Movimento Vida Ascendente. Marta Antunes passa a ser presidente mundial e António Rego assistente europeu. A eleição decorreu no 8º Encontro Internacional da Vida Ascendente, Movimento Cristão de Reformados (VA-MCR), que decorreu na Bélgica, entre os dias 15 e 20 de Outubro. O Movimento, criado por três franceses depois da 2ª Grande Guerra, começou em Portugal em 1985 e tem como principal objectivo apoiar os reformados cristãos.



CATÓLICA CONDENADA À MORTE ESCRIVE A PAPA FRANCISCO

Chama-se Asia Bibi e está presa há cinco anos no Paquistão. Foi condenada à morte por alegadamente ter comparado Jesus Cristo a Maomé. Depois de ter conseguido juntar à sua causa personalidades como o Presidente do Paquistão ou Bento XVI, Asia decidiu escrever ao Papa. Na última carta, a mulher condenada pediu-lhe que continuasse a rezar por ela e contou-lhe que é muitas vezes às suas orações que vai buscar forças para continuar a viver. Esta já é a segunda vez que Asia escreve ao Papa Francisco, a primeira foi em Dezembro passado.



BRAGA E PEMBA ASSINAM ACORDO DE COOPERAÇÃO MÚTUA

A Arquidiocese de Braga, através do Arcebispo Primaz, D. Jorge Ortiga, e a Diocese de Pemba, através do Bispo D. Luiz Lisboa, assinaram na passada Segunda-Feira, dia 27 de Outubro, um acordo de Cooperação Missionária. O projecto prevê a partilha de bens materiais e experiências humanas entre as duas dioceses, com religiosos e leigos de ambos os locais a transitarem de uma região para a outra. Sem se tratar de uma medida assistencialista, o acordo pretende que as dioceses se ajudem mutuamente, mesmo no que toca a âmbitos sociais e educativos.



PAPA FRANCISCO

@pontifex_pt

23 Outubro 2014

A família é o lugar onde nos formamos como pessoas. Cada família é um tijolo que constrói a sociedade.

25 Outubro 2014

A Cruz de Jesus demonstra toda a força do mal, mas também toda a onipotência da misericórdia de Deus.

28 Outubro 2014

Ajudem as pessoas a descobrirem a alegria da mensagem cristã: uma mensagem de amor e de misericórdia.

A MUDANÇA DE VALORES EM “A QUEDA DUM ANJO”

CARLOS ALBERTO PEREIRA

PROFESSOR

O imortal Camilo Castelo Branco, no ano em que se celebra o 150º aniversário da sua chegada e fixação em São Miguel de Seide merece, por ter ousado fazer o percurso inverso ao de outros escritores - sair da capital para se fixar na província, ser o autor escolhido. Já a opção pel'*A Queda dum Anjo* (1865), afigura-se como natural, pois esta novela satírica para além de uma crítica social sobretudo dos que se deslocando para a capital, trocam os seus valores por uma “tigela de lentilhas”. O personagem central da novela, Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda, morgado de Agra de Freimas, pertencia a uma família cujas origens remontavam ao primeiro rei de Portugal e fundador de Miranda, estudou latinidade no seminário de Braga, era um erudito, formatado pelos clássicos e eclesiásticos. Aos 20 anos, casou com a segunda prima, D. Teodora Barbuda de Figueiroa, morgada de Figueiroa, “senhora de raro aviso, muito apontada em amanho da casa, e ignorante mais que o necessário para ter juízo”, juntando assim os dois morgadios que passaram a ser a Casa maior da comarca. Após uma curtíssima passagem pela presidência da Câmara Municipal de Miranda, em 1840, o morgado, convicto da podridão imoral da vida pública jurou nunca mais tocar o cancro social com suas mãos impolutas. Era um conservador utópico e um homem de bem, que defendia a redução dos impostos, o combate ao luxo, a língua portuguesa, a moral e os bons costumes.

Eleito deputado, e a pretexto da intervenção do Dr. Libório, deputado do Porto, que reclamava um subsídio para o teatro lírico da sua cidade, Calisto pediu a palavra e desfere o seu primeiro ataque contra o desperdício: “Eu tenho o desgosto de ter nascido num país em que o mestre-escola ganha cento e noventa réis por dia e as cantarinas, segundo me dizem, ganham trinta e quarenta moedas (libras) por noite. (...) Sr. presidente, V. Exa. sorriu-se, vejo que a Câmara está sorrindo, (...) Como podem rir-se os enviados do povo, quando um enviado do povo exclama: Não tireis à Nação o que ela vos não pode dar, governos! Não espremais o úbere da vaca faminta, que ordenhareis sangue!”.

Num outro debate onde o Dr. Libório defendeu o luxo, como forma e expressão do desenvolvimento: “Perguntai às belas europeias que lhes faz a grinalda de brilhantes, e às belas da Florida que prazer lhes insinuam os vítreos adornos de variadas cores. Oh! o luxo, o luxo, senhores, é marco miliário de civilização, a pomba que se volita da arca, e se vai espanejando de asas por céus e terras além, recobrada dos pavores primeiros, e saltitando de França em França.”

Com perspicácia, ironia e matreirice o deputado de Miranda reage: “Sr. presidente! (...) Entendi quase nada, porque o Sr.

deputado Dr. Libório não falou português de gente (risos nas galerias). As laranjas, espremidas demais, dão sumo azedo, que corta a língua. O Sr. deputado fez do seu idioma laranja azeda. (...)”.

As picardias parlamentares entre estes dois deputados tornaram-se uma marca para a afirmação das críticas de Camilo à situação do país, tenhamos presente que Camilo fez várias intervenções políticas nos comícios do seu amigo Custódio José Vieira, candidato oposicionista do círculo eleitoral do Porto, em 1865. António Cabral afirma “E com que mordente crítica, com que arte e graça o Mestre discursava! Rico de ironia, de palavra elevada e fluente, tinha o auditório preso ao seu dizer. Era um orador de raça, brilhante, original, de exposição claríssima.” Nesta novela, todos estes predicados de Camilo parecem ter sido transferidos para Calisto. Também nos costumes Calisto defende os valores tradicionais, foi graças à sua intervenção que D. Catarina, filha do seu amigo o desembargador Sarmento, regressou aos princípios sagrados do matrimónio. Mas Calisto vai descobrir o amor, que desconhecia e que não sabia controlar, primeiro um amor platónico por D. Adelaide, irmã solteira de D. Catarina, ao qual a jovem não correspondeu, depois pela viúva do general Ponce de Leão, que lhe pediria ajuda, neste a seta de cupido provocou uma chama avassaladora que não foi repelida pela brasileira, loira, de trinta anos, que chamava de pai o falecido marido. Lisboa e o amor mudaram definitivamente a vida de Calisto e as tentativas de D. Teodora, sua esposa, não o “trouxeram ao bom caminho”.

Com a abertura das Câmaras o morgado de Agra de Freimas, que já havia trocado duas vezes de casaca: a do vestuário (vestir-se à moda de Lisboa) e a dos costumes (infidelidade matrimonial) voltou a mudar, neste caso a da política, pois, na primeira votação importante para o governo, defendeu o projeto-lei e votou-o favoravelmente. À interpelação pávida do seu amigo o abade de Estevães, se tinha virado liberal, o homem respondeu: “Estou português do século XIX”. A viagem de Calisto e Ifigénia, assim se chamava a bela brasileira, a França e Itália, consumou as mudanças operadas no morgado, quer na aparência, quer nos valores, deixou de ser o “homem da aldeia” para ser o “homem da cidade” e assim caiu o “anjo” vindo de Caçarelhos. É o próprio narrador que nos diz, na conclusão da novela: “Deixá-lo ser feliz: deixá-lo. Calisto, aquele santo homem lá das serras, o anjo do fragmento paradisíaco do Portugal velho, caiu. Caiu o anjo, e ficou simplesmente o homem, homem, e ficou quase todos os outros, e com mais algumas vantagens que o comum dos homens.”

De igual modo a ida de D. Teodora a Lisboa, também operou nela alterações profundas. A “senhora de raro aviso (...) e ignorante mais que o necessário para ter juízo” altera o seu guarda-roupa e passa a viver com seu primo Lopo Gamboa.

Fixemo-nos na confissão do próprio autor, na advertência da segunda edição (1873): “O autor cuidou, quando escreveu esta novela, que alguma intenção moralizadora se traduzia da textura histórica. Hoje, por lho haver dito um amigo franco, está persuadido que o seu livro morigerou; mas também não escandalizou ninguém. Isto é consolativo, ainda assim.”

UMA FÉ A SER VIVIDA

ROBERTO MARIZ

PADRE | PRESIDENTE DA COMISSÃO ARQUIDIOCESANA PARA A PASTORAL SOCIAL

Encontramo-nos a reflectir sobre a identidade da nossa fé ao longo de cinco anos. Tendo no ano pastoral de 2013-2014 aprofundado a fé celebrada - no ano dedicado à liturgia, onde fomos incentivados a sentir e a perceber que a “minha fé” se não é rezada, não é a mesma; a “minha fé” precisa de ser rezada e celebrada para fortalecer o vigor na relação com Deus.

Chegados ao ano pastoral em curso (2014-2015) somos interpelados a compreender como a fé professada e celebrada “me” implica na vida quotidiana de cada dia. É o ano dedicado à fé vivida – ano social.

Aqui somos convidados a penetrar todo o pensamento bíblico e eclesial



em torno da identidade da nossa fé que se fundamenta no Evangelho. O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, nºs 64 e 65, deixa a observação do duplo âmbito que este ano nos deve implicar: a dimensão pública da fé (nem sempre reconhecida e aceite) e a solidariedade/caridade como acção privilegiada nesta vivência pública. Refere: “O processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo. Além disso, com a negação de toda a transcendência, produziu-se uma crescente deformação ética, um enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social e um aumento progressivo do

relativismo (...). Nesta perspectiva, a Igreja é sentida como se estivesse promovendo um convencionalismo particular e interferisse com a liberdade individual”. Por conseguinte, torna-se necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores (64). Apesar de toda a corrente secularista que invade a sociedade, em muitos países – mesmo onde o cristianismo está em minoria – a Igreja Católica é uma instituição credível perante a opinião pública, fiável no que diz respeito ao âmbito da solidariedade e preocupação pelos mais indigentes” (65).

Deste modo, como fé vivida, compete-nos como cristãos perceber que a fé não se reduz à afirmação crente no íntimo da consciência, nem se reserva às “paredes da sacristia/do templo”; pelo contrário, a fé, nos seus valores e princípios (na sua ética) é um “fermento” a levar toda a “massa”: família, economia, política, cultura, meios de comunicação social, ecologia, trabalho, etc. Não há dimensão humana que seja excluída da acção do Evangelho.

Igualmente, enquanto ano social, temos uma óptima oportunidade para valorizar toda a acção social e caritativa que é já realizada e que venha a ser realizada, nomeadamente pelas Conferências Vicentinas, Grupos Paroquiais de acção social, Cáritas, Centros Sociais Paroquiais, Misericórdias, e outras instituições caritativas e IPSS canónicas (incluindo as IPSS que não são canónicas e outras instituições de bem fazer, onde tantas vezes lá estão presentes os cristãos). Não se trata de uma dimensão secundária na acção pastoral, mas central, e, quem sabe, como refere o Papa Francisco, o toque de credibilidade exterior que os princípios conhecidos e rezados afirmam.

Faço um duplo convite: por um lado, para que todas as comunidades cristãs sintam a importância desta dimensão da fé; que os membros que formalmente a assumem como missão, tenham a formação necessária para tal (existe uma amplitude basta de oferta... solicitem que acontecerá); seja esta acção sempre pautada pelo humanismo fraterno de Cristo que acolhe; que todos os seus executores (dirigentes/trabalhadores/colaboradores/funcionários/voluntários) reconheçam que são Igreja (comunidade crente) enquanto desempenham esse trabalho; por outro lado, para que todo o cristão compreenda como o conteúdo da fé implica a vida na acção de cada dia (família, trabalho, divertimento...).

“HÁ MUITAS PESSOAS COM DIFICULDADES SEM CORAGEM DE PEDIR AJUDA”

EVA FERREIRA É DIRECTORA TÉCNICA DA CÁRITAS ARQUIDIOCESANA DE BRAGA. LÍGIA CUNHA É A COORDENADORA DO PROJECTO “DAR E RECEBER”. NESTA ENTREVISTA EXPLICAM OS OBJECTIVOS PRINCIPAIS DA CÁRITAS E FAZEM, SEIS MESES DEPOIS DO ARRANQUE, UM BALANÇO DO PROJECTO QUE QUER ACABAR COM O DESPERDÍCIO EM PORTUGAL.

TEXTO: DACS FOTOS: DACS

CÁRITAS ARQUIDIOCESANA DE BRAGA

Qual é a principal missão da Cáritas Arquidiocesana de Braga?

EF: A Cáritas de Braga é um serviço da Arquidiocese que visa a promoção da sua acção social. A nossa missão é promover a assistência e a autonomia de cada ser humano que nos procura, tentando sempre diminuir as desigualdades sociais e promover o ser humano de forma a que possa seguir o seu percurso de uma forma autónoma e independente.

A Cáritas tem conseguido dar resposta a todos os pedidos de ajuda?

EF: Não tem sido fácil, mas tendo em conta todas as parcerias que temos desenvolvido, alguns projectos em que estamos envolvidos e também alguns recursos que foram criados, temos, dentro dos possíveis, conseguido dar respostas às solicitações que as famílias nos têm feito. Evidente que é cada vez mais difícil responder porque há mais pedidos. São mais e maiores no sentido em que os pedidos já não são apenas para apoiar uma pequena despesa, muitas vezes são vários meses de renda em atraso, grandes contas, ou seja, a mesma família tem várias dívidas acumuladas e não é fácil. Mas vamos tentando, depois de uma avaliação rigorosa da situação de cada agregado familiar, dar uma ajuda naquilo que são os bens essenciais necessários para

que a família possa viver dignamente. Essencialmente trabalhamos com estas famílias um projecto de vida para que a sua situação possa ser alterada.

Quais são os serviços principais de que dispõe a Cáritas?

EF: Os nossos serviços principais são o serviço de atendimento e acompanhamento social. Tentamos avaliar a situação e traçar um plano conjunto com a família. Neste momento estamos a atender cerca de setenta agregados familiares semanalmente. É um esforço acrescido para nós, mas temos apostado nesta área porque é fundamental na fase que estamos a passar. Temos um refeitório social e um balneário social. Contamos com cerca de cento e vinte beneficiários no refeitório. O balneário vai variando um bocadinho mas é utilizado por cerca de vinte pessoas semanalmente. Temos também um serviço de atendimento e acompanhamento a vítimas de violência doméstica a funcionar, um roupeiro social e um banco de equipamento médico-hospitalar. Também fazemos a gestão de uma residência partilhada onde estão três pessoas que já passaram por uma situação de sem-abrigo. Para além dos serviços gerais que a Cáritas tem, vai desenvolvendo uma série de projectos e campanhas de forma a ir colmatando as necessidades principais daqueles que nos procuram. Neste momento, e de acordo com aquilo que é a nossa missão, temos apostado na formação

dos grupos de acção social paroquial, na acção social de proximidade. Torna-se cada vez mais importante que as comunidades estejam preparadas para dar respostas às necessidades daqueles que precisam de apoio na sua comunidade e é fundamental formar quem está nas comunidades para estar preparado para uma resposta pelo menos de primeira linha.

Acha que ainda existe muita pobreza envergonhada?

EF: Sim, acho que cada vez mais. Nós notamos que o perfil de utentes que recorre à Cáritas se alterou muito nos últimos anos. Temos cada vez mais famílias que nunca tinham recorrido

“O Dar e Receber pretende ser uma ponte entre quem tem algo para dar e quem tem algo para receber.”

à Cáritas nem a outra instituição de carácter social, famílias que sempre tiveram a vida organizada, mas que, infelizmente, devido ao desemprego e a algumas dívidas às quais não conseguem fazer face, viram-se obrigadas a pedir ajuda. Numa primeira fase provavelmente gastaram as suas poupanças, procuraram também apoio junto de familiares, mas depois tornou-se inoportável dar resposta a todas as necessidades da família e tiveram mesmo que

pedir ajuda. É complicado para estas famílias ter que o fazer, e é complicado também para nós, por isso temos tentado também adaptar-nos a estas situações com novas estratégias de intervenção. E acreditamos que existem muitas pessoas, que mesmo passando dificuldades, ainda não tiveram coragem de vir e solicitar a nossa ajuda.

Falou na promoção do ser humano e da ajuda à sua reintegração social. A Cáritas então não se reveste apenas de medidas assistencialistas, também dá a cana e ensina a pescar o peixe...

EF: Claro. Aliás, ensinar a pescar o peixe é mais importante do que dá-lo. Porque o peixe é óbvio que continua a ser necessário: quando uma família chega aqui sem recursos financeiros nenhuns, precisa de alimentos, precisa de fraldas, precisa de medicamentos... claro. Mas se nos limitássemos a fazer isso provavelmente a família continuaria a precisar eternamente. A ideia é traçar um plano conjunto onde a família tem de ser parte activa e participante para que a situação possa ser alterada. É claro que neste momento está complicado. O desemprego é enorme, as ofertas de emprego são escassas, as prestações sociais têm sido cada vez mais reduzidas, o que torna difícil dar a volta à situação. Mas é óbvio que o nosso objectivo é sempre que estas famílias sigam a sua vida de forma





autónoma e que consigam ver outros caminhos para que possam alterar a sua situação.

Neste tempo de crise sente que a generosidade e a solidariedade tendem a aumentar?

EF: Nós sentimos que as pessoas continuam muito generosas, se não fosse dessa forma nós não conseguiríamos trabalhar. Os nossos recursos são quase 100% provenientes de donativos. Se não fossem os donativos e a solidariedade das pessoas, a Cáritas não tinha forma de continuar a trabalhar. Pessoas individuais acreditam no nosso trabalho e continuam a ajudar-nos. Empresas que têm desenvolvido parcerias, quer localmente com a Cáritas arquidiocesana de Braga, quer a nível nacional com a Cáritas Portuguesa. Além de escolas e outras entidades com as quais continuamos a contar para poder fazer face aos pedidos de apoio que temos.

PROJECTO “DAR E RECEBER”

Em que consiste o projecto Dar e Receber?

LC: O projecto “Dar e Receber” surge no início do ano 2014 e, neste caso, pretende trabalhar na Arquidiocese de Braga, já que esta diocese é uma das cinco que em Portugal abraçaram este projecto. Tem dois objectivos fundamentais: a dinamização de

uma plataforma online, que pode ser consultada em www.darereceber.pt, e a dinamização, formação, criação e acompanhamento de grupos de acção sócio-caritativa nas paróquias. Este projecto une-se assim aqui em Braga ao programa de formação “+Próximo”, dinamizado também pela Cáritas Portuguesa com o objectivo de que a acção social em Igreja chegue às comunidades da diocese.

Como surgiu a ideia de a Arquidiocese de Braga se aliar à iniciativa?

LC: Este projecto tem como entidades parceiras e dinamizadoras a Cáritas Portuguesa e a Entrajuda. Ambas as instituições lançaram este desafio a várias Cáritas Nacionais, no sentido de o tornarem operacional em vários pontos do país. Braga surge como uma das dioceses que apresenta uma realidade muito própria, muito distinta, quer em termos geográficos, económicos e sociais. Como a acção da Cáritas de Braga tem também como objectivo este trabalho de formação dos grupos sócio-caritativos, fazia para nós todo o sentido pertencermos ao projecto “Dar e Receber”. Juntaram-se aqui vontades e realmente conseguimos neste momento estar a pôr em prática aquilo que são os objectivos do projecto.

Seis meses depois, qual é o balanço que faz da acção do Dar e Receber?

LC: O balanço é muito positivo. É um caminho que estamos a trilhar, temos muitas vezes que quebrar barreiras, mas vamos fazendo pouco a pouco, mas conseguindo, com pequenas grandes vitórias, com um abraço por parte de vários arciprestados deste trabalho. Temos sido muito bem recebidos pelos padres, pelas comunidades, pelas demais instituições arciprestais como as Misericórdias, a Fraternidade de Nuno Álvares, o grupo de catequistas de Braga que nos recebeu tão bem no Dia Arquidiocesano da Catequese e muitos outros... As conferências de S. Vicente Paulo, os grupos sócio-caritativos, sociais e paroquiais que nos têm realmente aberto as portas aos pouquinhos, mas que percebendo o nosso trabalho têm sempre um abraço para nos dar.

Como funcionam as linhas de acção do projecto?

LC: Bem, o “Dar e Receber” baseia-se em grande parte na plataforma online. Esta plataforma tem ao dispor três grandes eixos: o da acção social, que permite a qualquer cidadão consultar as respostas sociais que existem na sua zona de residência; um eixo que é um banco de bens doados, em que qualquer cidadão ou instituição se pode inscrever para doar ou receber bens; e também um eixo do tempo, onde se pretende que esta plataforma seja um ponto de encontro entre quem quer dar o seu tempo enquanto voluntário e as instituições que querem receber voluntariado. A plataforma, que é apenas uma das faces do projecto, pretende ser uma ponte entre quem tem algo para dar e quem tem algo para receber, sendo que a vertente da acção social, do tempo e dos bens também se materializa na outra face do projecto, que é a formação dos agentes sócio-caritativos. Também eles dão

muito do seu tempo para se formarem, para estarem ao serviço das suas comunidades. Realizam actividades para conseguirem bens e têm sobretudo muita vontade de marcar a diferença nas comunidades de que fazem parte, tornando-as capazes de se mobilizarem.

Haverá um dia possibilidade de generalizar o “Dar e Receber” a todo o país?

LC: Eu espero que sim! Costumo dizer aos grupos de formação que eles próprios são pilotos, que também são uma aprendizagem para eles próprios e para nós, e portanto espero que um dia, mais tarde, esta semente que estamos a lançar, em Braga e nas outras dioceses, venha a revelar-se uma grande plantação com uma grande colheita.

Qual é o maior sentimento de um voluntário no final do dia?

LC: O sentimento que fica é sobretudo o sentimento de ânsia, ânsia de querer aprender sempre mais. O facto de estarmos com os grupos, de os ensinarmos, de partilharmos com eles momentos, sorrisos, alegrias, tristezas e histórias, é uma ânsia da nossa parte de querer aprender mais. Nós aprendemos muito com eles, ninguém melhor do que eles conhece as suas comunidades, não é? Eu tenho grupos onde tenho formandos com 75 anos e há grupos onde encontro gerações, por exemplo, de professores e ex-alunos, onde encontro pessoas de áreas tão distintas como a medicina ou a construção civil... Acho que, quer para mim, quer para a colega que está no terreno neste momento, é sobretudo um sentimento de ansiedade, de querer aprender mais com eles, de querer pertencer mais àquilo que são as suas realidades. Só assim conhecemos quem nos rodeia, se nos limitarmos a um gabinete será muito difícil.

Portugal começa a perceber a necessidade de não desperdiçar bens?

LC: Pela experiência que tenho tido, e pelo que vou ouvindo e vou percebendo, acho que, felizmente, e muito fruto das necessidades pelas quais as pessoas têm vindo a passar, a consciência perante as dificuldades é cada vez maior. A consciência de que “hoje estou aqui, amanhã posso estar do outro lado” está cada vez mais presente. Acho que não é um caminho que se fará de imediato, não acontecerá de hoje para amanhã, mas far-se-á com o tempo. Acho que realmente o futuro se afigura como positivo, pelo menos é o que eu espero.



VEJA OS MELHORES MOMENTOS DA ENTREVISTA EM VÍDEO

www.diocese-braga.pt

www.youtube.com/diocesebraga

PADRE ALBINO SILVA, SERVO DE DEUS

No passado Domingo, dia 26 de Outubro, leram-se na Catedral de Catanduva, Brasil, as palavras de D. Jorge Ortiga em defesa do Padre Albino Silva como servo de Deus.

Importa contar a história deste homem que nasceu e se manteve simples durante toda a sua vida, não obstante as grandes obras que levou a cabo. Albino Alves da Cunha e Silva nasceu

boio até Monção. Daí conseguiu partir para Salvaterra de Magos, chegando posteriormente a Tuí. Foi no porto de Vigo que apanhou o barco que o levaria até ao Brasil, Rio de Janeiro, onde desembarcou em Setembro de 1912, já com trinta anos.

Como padre passou por Jaboticabal, Jaú, Barra Bonita e, finalmente, Catanduva.

, inaugurado a 29 de Junho de 1929. Três décadas depois, surge o ciclo das escolas, ideia do Padre Albino para dar destino ao hospital após a sua morte. Para tornar o sonho realidade, a Associação Beneficente de Catanduva foi transformada na Fundação Padre Albino, em 1968.

Mas o sacerdote não se ficou apenas por aí. O Colégio Comercial Catandu-



a 22 de Setembro de 1882, na aldeia de Codeçoso, em Portugal. Filho de pais católicos, cedo se apercebeu da sua vocação. Logo após a conclusão do ensino secundário decidiu seguir a vida eclesial.

Em Setembro de 1905 terminou os estudos superiores em Braga com distinção e foi ordenado sacerdote. A sua primeira paróquia foi a da sua terra natal.

Alguns anos depois, a 3 de Setembro de 1910, iniciava-se a revolução em Portugal. No dia 5 era proclamada a República, que com ela trouxe um governo anti-clerical. Em vigor voltaram a ficar as antigas leis de Pombal. Decretou-se a separação entre Igreja e Estado.

O Padre Albino resistiu estoicamente, apoiando-se na sua fé, não se deixando abalar pelas convicções do novo governo. Contudo, não conseguiu impedir uma sentença de prisão e exílio em África. Decidiu fugir. Começou uma penosa jornada que envolveu uma caminhada de Amarante a Braga e, posteriormente, uma viagem de com-

Mais uma jornada difícil: o Padre Albino não foi bem recebido na localidade, que ainda chorava a saída do pároco anterior. Os locais tentavam intimidá-lo, cuspidos quando o Padre passava. As próprias autoridades olhavam com desconfiança aquele homem reservado e circunspecto. O Padre Albino tudo aguentou, sempre sereno, sem qualquer lamento.

No seu segundo ano em Catanduva, iniciou as obras na Igreja Matriz. Para isso recolheu donativos por toda a cidade. Debaixo de sol abrasador ou de intempérie, o Padre Albino calcorreu ruas atrás de ruas até conseguir o dinheiro necessário. Com grande espanto de todos, conseguiu terminar as obras.

Em 1926 inaugurou a Santa Casa da Misericórdia, hoje “Hospital Padre Albino”. Por esta altura já tinha ganho a confiança do povo, que o amava e respeitava. Conseguiu ainda construir o prédio da maternidade, um pavilhão infantil e um bloco vertical de seis andares no Hospital.

A sua segunda obra foi o Lar de Idosos

va, a Faculdade de Administração de Empresas, a Faculdade de Educação Física, a criação da Casa da Criança “Sinharinha Netto”, Vila São Vicente de Paulo, Lar Ortega-Josué, Ginásio Dom Lafayette, Seminário “César De Bus” e Santuário Nossa Senhora Aparecida foram obras pelas quais o Padre Albino foi responsável.

Nos últimos anos, já debilitado fisicamente, o Padre Albino passou a residir no hospital. Os testemunhos contam que, mesmo enfraquecido, vigiava cuidadosamente a entrada, não permitindo que alguém ficasse sem atendimento.

O Padre Albino Silva faleceu a 19 de Setembro de 1973, após visita do seu colaborador Floriano Lima e do Bispo de Rio Preto, Dom Lafayette Libânio.

A fase de pesquisa diocesana terminou no passado dia 26 de Outubro, sendo o Padre Albino já reconhecido como “servo de Deus”. O processo segue agora para Roma e o próximo passo é a abertura do processo de validação da beatificação de Albino Silva.

A VIDA QUE SE IDENTIFICA PELOS FRUTOS

No dia 26 de Outubro, na Igreja Matriz de Catanduva (São Domingos) – Brasil, realizou-se a Sessão Solene do encerramento do processo diocesano do Servo de Deus, Padre Albino Alves da Cunha e Silva.

Senti-me honrado com esta visita ao Brasil. Catanduva identifica-se com o Padre Albino, dada a grande obra por ele deixada. Um ilustre conterrâneo que em terras do Brasil foi Árvore que se distinguiu pelos frutos que produziu. Foi uma semana curta para poder conhecer tudo o que o Padre Albino deixou. Visitei a Fundação Padre Albino – por ele fundada – que é responsável por perpetuar a sua obra. Visitei os hospitais multidisciplinares Padre Albino. Visitei as faculdades por ele fundadas, destacando-se a faculdade de medicina, pela enorme capacidade de investigação que detém. Visitei colégios, orfanatos, lar de idosos e até a aldeia São Vicente de Paulo, um lugar aprazível para acolher idosos. Enfim, tudo o que foi possível visitar porque, em cada instituição, o tempo era sempre pouco para escutar tudo quanto me queriam transmitir. Destaco, sem dúvida, a capacidade acolhedora dos ‘catanduenses’, em especial a Diocese de Catanduva, na pessoa do Padre Marcelo, o Padre José Luis e Dom Otacílio. Para breve, em articulação com a diocese de Catanduva, será feita uma publicação sobre a vida e obra do servo de Deus Padre Albino no Brasil. A Arquidiocese de Braga sente-se orgulhosa por ter tido no seu presbitério o Padre Albino Alves da Cunha e Silva que, em terras do Brasil, se tornou Árvore que produziu fruto. Obrigado Catanduva, obrigado Padre Albino.

Padre João Paulo Coelho Alves

Nasce Albino Alves da Cunha e Silva, filho de católicos fervorosos, na aldeia de Codeçoso, Província do Minho, em Portugal.

21Set1882



Set1905

Termina os estudos com resultados brilhantes na cidade de Braga, onde é ordenado sacerdote.



Em Portugal dá-se um golpe de Estado que culmina na proclamação da República. O Governo estabelece uma posição anti-clerical.

5Out1910

Condenado ao exílio, o Padre Albino vê-se obrigado a fugir. Enceta uma jornada a pé de Amarante a Braga, onde apanha o comboio para Monção.



21Set1912

Desembarca no Rio de Janeiro, vindo do porto de Vigo, no barco a vapor “Zelândia”.

Passa a ser o sacerdote de Catanduva, depois da saída do Padre Caputo.

26Abr1918



Termina as obras da Igreja Matriz de Catanduva.

1920-1973

Inaugura a Santa Casa da Misericórdia, o Lar de Idosos, a Fundação Padre Albino, o Colégio Comercial e várias faculdades.

Falece no próprio Hospital que criou, depois de ter recebido a visita do Bispo de Rio Preto, Dom Lafayette Libânio.

19Set1973



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Job 19, 1.23-27a

Leitura do Livro de Job

Job tomou a palavra e disse:
 “Quem dera que as minhas palavras
 fossem escritas num livro,
 ou gravadas em bronze com estilete
 de ferro, ou esculpidas em pedra para
 sempre!
 Eu sei que o meu Redentor está vivo
 e no último dia Se levantará sobre a
 terra.
 Revestido da minha pele, estarei de pé;
 na minha carne verei a Deus.
 Eu próprio O verei, meus olhos O hão-
 -de contemplar”.

SALMO RESPONSORIAL 26 (27)

O Senhor é minha luz e salvação:
 a quem hei-de temer?
 O Senhor é o protector da minha vida:
 de quem hei-de ter medo?

Uma coisa peço ao Senhor, por ela an-
 seio: habitar na casa do Senhor todos
 os dias da minha vida, para gozar da
 suavidade do Senhor e visitar o seu
 santuário.

Ouvi, Senhor, a voz da minha súplica,
 tende compaixão de mim e atendei-
 -me.

A vossa face, Senhor, eu procuro: não
 escondais de mim o vosso rosto.

Espero vir a contemplar a bondade do
 Senhor na terra dos vivos.
 Confia no Senhor, sê forte.
 Tem coragem e confia no Senhor.

LEITURA II 2 Cor 4, 14 – 5, 1

Leitura da Segunda Epístola do apóstolo São Paulo aos Coríntios

Como sabemos, irmãos,
 Aquele que ressuscitou o Senhor Jesus
 também nos há-de ressuscitar com

Jesus e nos levará convosco para junto
 d’Ele.

Tudo isto é por vossa causa,
 para que uma graça mais abundante
 multiplique as acções de graças de um
 maior número de cristãos para glória de
 Deus.

Por isso, não desanimamos.

Ainda que em nós o homem exterior se
 vá arruinando, o homem interior vai-se
 renovando de dia para dia.

Porque a ligeira aflição dum momento
 prepara-nos, para além de toda e
 qualquer medida, um peso eterno de
 glória.

Não olhamos para as coisas visíveis,
 olhamos para as invisíveis: as coisas
 visíveis são passageiras,
 ao passo que as invisíveis são eternas.
 Bem sabemos que, se esta tenda, que é a
 nossa morada terrestre, for desfeita,
 recebemos nos Céus uma habitação
 eterna, que é obra de Deus
 e não é feita pela mão dos homens.

EVANGELHO Mt 11, 25-30

Evangelho de Nosso Senhor Je-
sus Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo, Jesus exclamou:
 “Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do céu
 e da terra, porque escondeste estas
 verdades aos sábios e inteligentes
 e as revelaste aos pequeninos.
 Sim, Pai, Eu Te bendigo, porque
 assim foi do teu agrado.

Tudo Me foi dado por meu Pai.
 Ninguém conhece o Filho senão o Pai
 e ninguém conhece o Pai senão o Fi-
 lho e aquele a quem o Filho o quiser
 revelar.

Vinde a Mim, todos os que andais
 cansados e oprimidos, e Eu vos ali-
 viarei.

Tomai sobre vós o meu jugo e apren-
 dei de Mim, que sou manso e humil-
 de de coração, e encontrareis descan-
 so para as vossas almas.

Porque o meu jugo é suave e a minha
 carga é leve”.



comemoração de todos os fiéis defuntos
Revestido da minha pele, estarei de pé

A IGREJA ALIMENTA-SE DA PALAVRA

A Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos (“Missal Romano”, página 963 e seguintes) — que este ano acontece ao domingo, substituindo assim a liturgia do trigésimo primeiro domingo — torna presente todos aqueles e aquelas que fizeram caminho entre nós e que já não estão fisicamente connosco. “Na oração pelos defuntos, a Igreja manifesta a sua qualidade de Corpo de Cristo e vive a solidariedade com todos os membros deste corpo, inclusive com aqueles que já faleceram. Ao rezar pelos mortos, a Igreja também reza com eles” (Luciano Manicardi). Confiamos que Deus, pela sua bondade, os acolhe na vida nova e plena dos ressuscitados. Como recorda o “Prefácio dos Defuntos V” (“Missal Romano”, página 513): por dom maravilhoso da vossa bondade, Cristo, com a sua vitória, nos redime da morte, e nos chama a tomar

parte na sua vida gloriosa”. Trata-se de enfrentar a morte sem rodeios, mas com fé.

Como em todos os domingos, celebramos o mistério pascal de Jesus Cristo, pelo qual recebemos o dom da salvação e o fundamento da nossa esperança. É sempre a morte e ressurreição de Jesus Cristo que celebramos: uma celebração da vida! O Círio Pascal, sinal da Ressurreição, merece um lugar de destaque (na procissão de entrada para ser colocado junto do altar).

Neste dia de oração pelos e com os defuntos, a palavra de Deus ilumina e confirma a esperança da ressurreição. O “Leccionário Santoral” (páginas 332 a 342) sugere três Missas e possibilita ainda que as leituras sejam escolhidas de entre as que são propostas para as Missas pelos defuntos (“Leccionário VIII”, páginas 1069 a 1131).

“Revestido da minha pele, estarei de pé”

O livro de Job contém o grande debate do Antigo Testamento sobre a justiça de Deus: narra a paciência de um homem que no final é largamente recompensado por Deus. O conteúdo é ilustrado com uma série de diálogos entre Job e os seus amigos, que representam diversos aspetos da fé de Israel, evidenciando a incapacidade de dar uma resposta autêntica ao clamor de Job.

Job não se satisfaz com nenhuma das respostas dos seus amigos. As questões permanecem: Por que tenho de sofrer? Qual é o papel de Deus perante este mistério?

Na tradição bíblica, o defensor ou redentor é o familiar em quem recai directamente o direito e o dever de proteger a pessoa e os bens do parente

em dificuldade e de o vingar em caso de morte. Job acredita firmemente que o próprio Deus será o seu redentor (o texto refere-o com letra maiúscula), porque está convencido da sua própria inocência e da justiça divina. O seu “Redentor está vivo” e activo — juiz e testemunha — e acabará por confirmar a “boa nova”: Job sabe que será ele mesmo — e não outros, como os amigos que falam sem saber — quem “verá” a Deus.

A confiança de Job permite-lhe afirmar: “revestido da minha pele, estarei de pé”. Aliás, todas as afirmações de Job no texto proposto para primeira leitura (Job 19, 1.23-27a) sublinham a fé como a virtude que impede qualquer sinal de desespero, apesar da existência do sofrimento e da morte.!



HI-GOD EM FAMALICÃO



Já se encontram abertas as inscrições para o “Hi-God, um dia com Deus”.

Este ano o evento acontece na cidade de Famalicão, no dia 29 de Novembro, das 09h00 às 17h30.

O Hi-God é destinado a todos os adolescentes, jovens e adultos, que queiram celebrar a sua fé. O clima será de festa, alegria, oração e partilha.

“Cuida-te - afectos e sentimentos” é o tema da iniciativa deste ano.

Entre as actividades previstas no programa existem vários momentos

dedicados à oração, partilha, música, formação, debate, teatro e peddy-papper.

A inscrição terá um custo de simbólico, de três ou cinco euros, consoante os participantes desejem, ou não, adquirir a camisola exclusiva do Hi-God.

Os interessados podem inscrever-se individualmente ou em grupo. Mais informações estão disponíveis em <http://www.grupoperegrinos.org>. O Hi-God decorrerá na Rua Alameda Cardeal Cerejeira, em frente à Universidade Lusíada.

JANTAR SOLIDÁRIO EM BRUFE

No dia 22 de Novembro realiza-se um Jantar Solidário pelas 20h30, no Pavilhão Multiusos de Brufe.

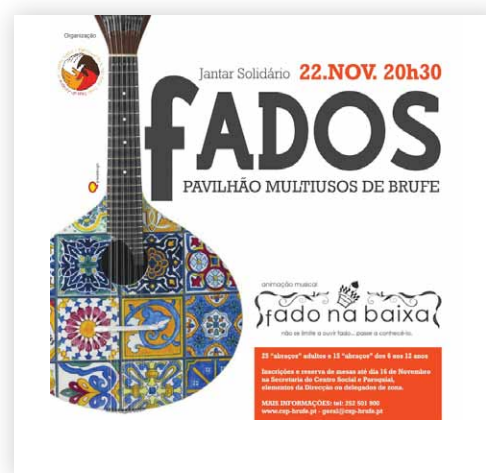
Trata-se de um evento no qual o fado ficará encarregue de animar a noite. O objectivo principal da iniciativa é o de angariar fundos para ajudar o Centro Social e Paroquial de São Martinho de Brufe.

As inscrições e reservas já se encontram abertas. Por 15€ para crianças entre os seis e os doze anos, e 25€ para adultos, fica garantido um serão animado com vertente solidária.

A organização promete uma noite de muito convívio e boa disposição, a favor daquilo que é “uma casa de todos, com todos e para todos”.

As inscrições podem ser feitas até ao dia 16 de Novembro nos serviços administrativos do Centro Social e Paroquial, junto dos membros da direcção e delegados de zonas paroquiais.

Para mais informações, os interessados podem contactar o Centro através do 252 501 900 ou através dos e-mails www.csp-brufe.pt ou geral@csp-brufe.pt.



AGENDA

30.10.2014

ANIVERSÁRIO DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA
16h30 / Amares

01.11.2014

ENCONTRO DA EQUIPA ARCIPRESTAL DE VIEIRA DO MINHO

ENCONTRO DE CATEQUISTAS DO ARCIPRESTADO DE FAMALICÃO

02.11.2014

EUCARISTIA POR ARCEBISPOS E CAPITULARES FALECIDOS
11h30 / Sé Catedral



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, D. Luiz Lisboa, bispo da diocese de Pemba, Moçambique.



Faça um Like



Siga-nos no Facebook

FICHA TÉCNICA

Diretor: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Eduardo Madureira, Ana Pinheiro, Eduarda Bernardo, Flávia Barbosa, Joana Araújo)
Design: Romão Figueiredo
Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho
Contacto: comunicacao@diocese-braga.pt

LIVRARIA DO DIÁRIO DO MINHO



TOLENTINO MENDONÇA

A MÍSTICA DO INSTANTE

Tolentino Mendonça evoca neste livro o teólogo Karl Rahner, para quem “o cristão do futuro ou será um místico ou nada será”. Para perceber a afirmação é necessário perceber primeiro o que é a mística a que Rahner se refere, algo que Tolentino explica ao longo da obra. Para o autor, os sentidos do corpo “são grandes entradas e saídas” da humanidade e da fé e permitem aos cristãos abrir-se à “presença de Deus no instante do mundo”. Editado pela Paulinas, o livro encontra-se dividido em duas grandes secções: “Para uma espiritualidade do tempo presente” e “Para uma Teologia dos sentidos”.

PVP
€14,99

15%*
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 30 de Outubro a 6 de Novembro de 2014.